

O DIA DE MINHA MORTE

Por: *Alfredo Tadeu Pires de Oliveira.*

George acordou, olhou para o relógio do celular, que marcava 5:45hs. Como de hábito, se levantou e sentiu seu corpo e todas as células nele existentes. E, com isso, recordou sua frase predileta: “Cada célula de meu corpo é um universo em si mesmo, difícil mensurar o tamanho deste microuniverso”.

Estava uma manhã fria e gélida do início de agosto, 9º graus, com sensação térmica de 7º, principalmente na área em que se encontrava; uma área de mata cercava toda a residência que havia construído há mais de 15 anos. Uma área de 20.000 metros quadrados, onde, com o apoio da esposa, construiu um belo chalé para passar fins de semana e feriados prolongados, fugindo da selva de pedra que lhe fazia se sentir sufocado, principalmente nos últimos meses. Já em pé, vestiu um roupão confortável e quente, se dirigiu para o banho, obviamente com aquecimento a gás, o que sempre proporcionava uma excelente disposição para o dia. Mas aquele era um dia diferente. Ele tinha plena consciência disto!

Colocou um agasalho, próprio para se usar em dias como aquele, bem como o tênis, tipo bota, importado com lã de carneiro na parte interna, que lhe proporcionava uma sensação agradável. Desceu para a cozinha, preparou o seu café, da forma de sua preferência: forte e aromático.

Naquele dia, em especial, resolveu beber o seu café em uma xícara que considerava especial, fora um presente de seu filho mais velho. Tomou-a entre ambas as mãos para aquecê-las. Tinha um belo par de luvas que só

utilizava em viagens para o exterior onde o frio abaixo de zero as fazia imprescindíveis.

Com a caneca nas mãos deu uma girada de 360°, vagarosamente, observando cada detalhe da cozinha e parte da sala, se recordando dos momentos felizes que aconteceram naquele espaço e de momentos não tão felizes assim. Mas tudo estava ali, como se lhe devolvesse o olhar. Soltou um forte e longo suspiro. O dia estava apenas começando, e, ao pensar nisso, um frio lhe percorreu toda a coluna espinhal, um frio totalmente diferente da manhã gélida. Suspirou intensamente e resolveu não pensar nisto, pelo menos por aquele momento, ele estava se sentindo o ser mais especial da face da terra, afinal, ele era ele. Nunca foi de ligar para o falatório de pessoas desprezíveis e ignorantes a respeito de sua vida e de suas conquistas materiais e seu sucesso. Mas...

As fatias do pão de forma pularam da torradeira, tirando-o de seu devaneio. Sentou-se à mesa, que já havia preparado antes, com toalha, clareira de leite e a garrafa de café; já tinha retirado a manteiga, que estava pior do que o dia, gelada e dura. Mesmo assim, obteve sucesso em espalhar nos pães torrados e já deixou preparados mais pães na torradeira.

Gostava de pensar que a vida poderia ser mais simples, mais fácil, sem tantas turbulências e reviravoltas; sem uma competição irascível entre seus semelhantes em busca de poder, dinheiro e glória. Enfim, a vida era assim e irá continuar sendo assim, pensou George. Afinal, como sempre costumava dizer: “Não nascemos com um manual de instrução!”. Simplesmente nascemos, deixamos um local seguro, para começar a conhecer um outro mundo, não tão seguro assim.

Terminou seu café da manhã, limpou a mesa e dirigiu-se para o seu escritório particular, local onde mantinha guardado, oculto, um cofre atrás de uma estante, repleta de livros. Bastava um simples e leve toque em um botão escondido e o cofre estava à vista. Abriu-o com vagar, retirou várias pastas contendo um bom número de documentos, necessitava ordená-los da melhor forma possível, estivera adiando tal fazer há algumas semanas – péssimas semanas...

Colocou a documentação e as pastas sobre a escrivaninha e olhou lentamente para aquele mobiliário em especial, que havia mandado fabricar com um dos melhores marceneiros – uma bela mesa de mogno, com coloração bem próxima ao natural. Passou a mão suavemente e pôde sentir o prazer da madeira nobre. Nem se recordava o quanto de dinheiro que aquela peça lhe havia custado, também, isso já não importava mais.

Sentou-se em sua confortável cadeira tipo presidente, toda em couro, confortável e macia; amava aquele espaço. Novamente, como havia feito na cozinha, girou lentamente e observou com vagar o ambiente; nisto se deparou com um calendário gigante que havia ganhado de sua filha e pôde observar que ele estava no mês de agosto e ainda tinha uma data circulada em amarelo ouro, como que reproduzindo o sol; em letras miúdas era possível ler: “Aniversário do papai”. Mentalmente contou: faltavam apenas três semanas para seu aniversário, quando completaria 59 anos de existência.

Baixou os olhos e respirou profundamente por algumas vezes, buscando afastar de si a ansiedade e o nervosismo que por vezes lhe tiravam a calma e a tranquilidade que sempre pautou sua vida. Seu olhar parou exatamente em uma pasta que por capricho tinha escorregado do monte de documentação, era a pasta com parte dos exames laboratoriais do hospital... Fechou rapidamente os olhos.

Lentamente, abriu seu computador pessoal e acessou sua caixa de correio eletrônico. Ela estava lotada, continha mais de 80 correspondências em sua caixa postal. As primeiras foram enviadas pelo hospital onde estava fazendo seu tratamento de saúde há mais de oito meses; foi clicar para abri-la quando o telefone tocou, abalando o silêncio do local. No primeiro instante, pensou em não atender, porém, visualizou quem estava ligando; era sua jovem filha adolescente que no mês passado havia completado 16 anos. Respirou fundo e atendeu o telefone, buscando demonstrar em sua voz paz, calma e tranquilidade; seus filhos não tinham conhecimento de seu gravíssimo estado de saúde. Conversou animadamente com sua filha, Julia, e está terminando a ligação lhe disse: “Amo muito, muito você, meu pai”. George não teve tempo de replicar, Julia já tinha desligado!

O mostrador do horário no aparelho celular lhe causou um impacto, já passava das 8:00hs da manhã, fazia apenas duas horas que estava acordado e o tempo lhe passou totalmente despercebido, mas rápido demais. George queria que o tempo parasse; afastou a cortina e pôde ver os raios fulgurantes do sol.

Olhou para aquele monte de pastas e papéis sobre a escrivaninha, computador aberto com quase uma centena de correspondências. Decidiu retornar à cozinha, celular na mão, e pegou novamente a xícara, quase a encheu com o café, abriu a porta da frente e saiu para a varanda, sentou-se em uma poltrona confortavelmente, colocando a caneca de café e o celular na mesa de apoio. Para o seu deleite, o sol esparramava seu calor, ainda tímido, mas reconfortante. Sua mente estava um verdadeiro turbilhão, pensamentos dos mais diversos campos se mesclavam entre si, e, com isso, seu desejo de paz ia literalmente para o espaço!

Há muito apreendera a técnica de respiração e sempre a utilizava quando necessário; agora essa estava fazendo a diferença. Estava em compasso de espera. Começou a contemplar o belo jardim, que era muito bem-cuidado por José e Dalva, caseiros, mas que George tinha como parte de sua família, afinal, já estavam ali quando comprou a propriedade. Recordava-se que a primeira atitude quando tomou posse da propriedade foi de realizar uma reforma completa da casa do caseiro, deixando-a como nova. Além do jardim, José cuidava da horta orgânica, das plantas frutíferas e da mata nativa. Já tinha perdido a conta de quantas mudas já tinham sido plantadas em uma parte para auxiliar o reflorestamento da área, principalmente, onde o fogo consumiu uma boa parte, e hoje já estava reflorestada. Amava aquele lugar, era seu refúgio pessoal e da família. Esse era seu segundo dia sozinho, sua esposa tinha tentado dissuadi-lo, e no fundo ela tinha razão, estava no mínimo a mais de 50 minutos de carro até o hospital, e era de lá que aguardava um telefonema!

Neste momento de contemplação, sua mente se acalmou e o que ocorreu é como se fosse um “filme”, perpassando em suas lembranças. Lembranças de sua vida.

PARTE II

Recordou-se do seu primeiro tombo de bicicleta, foi um belo capote, ralou os joelhos, e foi socorrido por seu pai; falecido há um ano aos 89 anos, lúcido e sempre de bom humor, um grande homem. Sabia que dificilmente atingiria aquela idade de vida. Sua mãe completará 85 anos no mês de março. Afastou da mente os pensamentos de seus pais e se voltou para as recordações de sua própria existência; seu desejo interior era por recordações alegres e de momentos felizes. Às vezes, não uma, mas várias vezes, se perguntava se tinha realmente vivido a vida, mas nunca havia recebido ou encontrado respostas. Apenas uma confirmação própria de que estava certo o seu modo de viver e ver a vida. Agora, exatamente naquele momento, tinha certeza de que se tivesse outra chance, iria mudar a forma de ver o mundo e ver a vida.

Dentre seus momentos felizes, adveio a sua mente a data de seu casamento; a igreja estava lotada de convidados, e quando seu sogro lhe entrega a mão de sua noiva, seus olhos ficaram mareados com lágrimas que insistiam em cair, mesmo em um momento feliz. Seu amor por aquela mulher era de uma intensidade verdadeira, e, mesmo após 25 anos, esse amor continua como desde a primeira vez que disse a ela o quanto a amava. Depois, duas novas experiências, onde esteve presente a tensão antes e a alegria posterior, com o nascimento de seu primeiro filho; três anos depois, o nascimento de sua filha. O fato de ter se tornado pai, pela primeira vez, lhe trouxe a falsa sensação de que já estaria preparado para se tornar pai pela segunda vez, ledo engano; foi mais tenso, mas a tensão deu lugar a uma alegria dupla, o nascimento de sua filha, o desejo de ambos, de ter um casal de filhos, completou a felicidade.

Interiormente George sorriu e percebeu como o tempo passou, e daí lhe surgiu uma dúvida, comum a muitos, porém, ele mesmo nunca havia pensado nisto com uma profundidade maior: “Fui eu que passei pelo tempo da vida ou foi o tempo que passou e consumiu a minha vida?”. Não tinha resposta

para a pergunta, estava aquém de uma realidade lógica e palpável; era muito racional e lógico!

Afinal, já havia obtido sucesso em seus empreendimentos. É óbvio, tivera suas dificuldades, quase desistiu de tudo para tentar outra coisa, mas se manteve firme e havia atingido o ponto que desejava. Tinha uma excelente carreira como empresário, financeiramente estava muito bem, obrigado. Sua empresa era há muito um sucesso no mercado nacional e internacional; enfim, tinha muito dinheiro, que se decidisse parar de trabalhar agora, o que tinha materialmente obtido sustentaria até mesmo seus netos futuros; mas se lembrou, poderia, na verdade, não usufruir de toda a sua conquista, e pensou com seus botões: “Dizem que o dinheiro compra tudo, mas nem sempre se consegue comprar o que mais necessita; enfim, o dinheiro não compra nada além de bens materiais, só isso!”.

Neste instante, diante das circunstâncias físicas e emocionais que se encontrava, George sabia que nem todo o dinheiro que possuía em espécie seria suficiente e nem ao menos possível para comprar o que mais desejava; estava pagando elevados valores para o hospital e para a equipe médica, mas o resultado estava na dependência de vários fatores totalmente alheios à sua vontade e até mesmo do esforço da equipe médica. Na verdade, o dinheiro era o de menor valia; dependia, sorriu, de um milagre. Não obstante não acreditasse em milagres!

Afastou esses malditos pensamentos da sua mente. Não os queria. Subitamente, se lembrou de um parente distante de sua esposa, que dizia que éramos vitoriosos desde a fecundação. Afinal, milhares de espermatozoides morreram, para que pudéssemos nascer. Aquilo fazia sentido.

Abriu os olhos e pegou o celular. Havia deixado no silencioso, um erro que não devia ter cometido, o telefone era, naquele momento, um instrumento que poderia lhe auxiliar. Providenciou para aumentar o volume do toque, e verificou mensagens, nada de importante para o que deseja, sentiu uma pequena pontada de frustração e de forma automática verificou a hora, já se passava das 11:30hs da manhã. Isso significava que já estava sentado aparentemente inerte há mais de três horas. Foi neste momento que Dalva, sua colaboradora na chácara, apareceu. Trocaram cumprimentos. Dalva

perguntou: “Seu George, o senhor está bem? Está precisando de alguma coisa? Quer que eu faça o seu almoço como sempre?”.

George sorriu. Respondeu aos questionamentos de forma a transparecer tranquilidade e segurança, que a bem da verdade não sentia, mas também não era necessário deixar ninguém mais aflito, já bastava por si só a sua própria aflição, ansiedade e angústia. Mas, no tocante à refeição, disse: “Meu desejo é de comer um filé grande com batatas fritas e uma salada, mas eu não trouxe a carne”. Dalva, sorrindo, lhe disse: “Seu desejo é uma ordem, José comprou ontem a carne que o senhor gosta. Vou preparar tudo e trago para o senhor, fique tranquilo. José também já deixou o heliporto limpo e pronto para receber qualquer helicóptero”. Disse isso e já saiu para os seus afazeres.

Já que estava em pé, colocou o celular no bolso da calça e decidiu dar uma pequena caminhada pelo jardim, andando lentamente, observando as flores, as cores, os matizes diferentes de coloração e os perfumes exalados das flores e da terra. Sentiu um misto de alegria por ainda estar respirando, sentindo a vida das plantas, como se lhe dessem uma recompensa pelo trato que era proporcionado para que florescessem, e se sentiu ligado a elas de uma forma nunca vivida. Não, nunca tivera uma experiência pessoal igual a que estava experimentando naquele momento; por outro lado, uma tristeza imensa, por ter quase certeza de que aquele poderia ser o último dia. Talvez não, estava no aguardo, daí a importância do telefone e do heliporto estarem preparados.

Neste instante, tirando-o de seu devaneio, o telefone tocou, verificou e viu que era sua esposa. Atendeu, conversaram por uns 20 minutos e neste tempo buscou tranquilizá-la, afirmando que estava bem e que iria almoçar. A despedida foi triste e melancólica para ambos, mas a frase constante desde o namoro esteve presente para os dois: “Eu te amo!”.

George fechou os olhos e se deixou levar em seus devaneios, mas ainda lhe era possível ouvir a voz da pessoa amada. Nem ao menos percebeu que estava sendo observado. Quando voltou a abrir os olhos, se virou para retomar o caminho até a casa, foi quando viu o casal José e Dalva. George percebeu apenas ao olhar para ambos que eles estavam visivelmente preocupados – e não estavam errados. José lhe perguntou como estava, se

estava se sentindo bem, entre outras coisas mais; Dalva apenas lhe disse que o almoço o esperava, na sala de jantar.

Sentiu-se momentaneamente feliz por estar com aquele casal. Colocou os braços em volta de cada um e os três seguiram para a casa. Ao adentrar, pôde ver a mesa de jantar arrumada com grande esmero e delicadeza, convidou a ambos para almoçarem juntos, mas eles disseram que já haviam almoçado e que estavam muito preocupados com ele; pois ele estava se comportando de forma diversa, totalmente diferente, outra pessoa. E então Dalva lhe disse: “Seu George, tenha fé, a esperança é a última que morre!”.

Ele os agradeceu e a solidão voltou a tomar conta do lugar. Almoçou como há muito tempo não fazia, comeu devagar, sentindo o prazer de degustar os alimentos; o filé estava exatamente no ponto, que era seu preferido. Ao terminar o seu farto almoço, começou a pensar na fala de Dalva. Fé! Esperança!

George revisitou o seu passado, principalmente quando era frequentador assíduo da Igreja Católica, se recordava que na Bíblia Sagrada falava em fé e em esperança, mas também tinha lido o Alcorão ou Corão, que também fala a respeito da fé e esperança. Mas, em sua forma de pensar, fé e esperança eram iguais. Ambas, para aqueles que creem, se transmudam na crença de algo que se deseja ou que se espera, mesmo que todas as condições sejam racionalmente e ilógicas, até mesmo impossíveis de se obter, irá se concretizar, se materializar, como em um passe de mágica.

Lembrou-se da mitologia grega e da Caixa de Pandora; todos os males foram soltos no mundo, mas ficou a esperança, presa na caixa. Incrível como antigas histórias se cruzam. Assim como Pandora havia desobedecido a uma ordem para não abrir a caixa, Adão e Eva, citado em Gêneses, também descumprem a ordem e comem o fruto da árvore proibida.

Para ele, fé não tinha apenas um significado cristão, o mesmo ocorria com relação à esperança. Afinal, ambas queriam dizer a mesma coisa; eram apenas palavras distintas. Pegou o celular, olhou as horas. Já passava da 1:00h da tarde. Respirou fundo. Verificou com rapidez as mensagens, não

abriu nenhuma delas, sendo que a mensagem que deseja obsessivamente não estava lá.

O tempo estava se esgotando. George sentia isso e já se colocara na posição de resiliência. Aquela não era a primeira vez; as outras quatro vezes anteriores foram piores do que este momento. George foi orientado por sua equipe médica a se internar e permanecer dois dias no hospital, e as frustrações somente foram aumentando a cada internação. Desta vez, contrariando as ordens médicas, decidiu aguardar em um local que amava muito, gostava de estar ali, o fazia se sentir bem e mais forte.

Foi até o escritório, novamente olhou para aquele emaranhado de pastas e papéis, o notebook estava ligado, bastou um toque para que se abrisse a janela para o mundo desconhecido. Sentou-se, e, em pouco tempo, organizou todas as pastas e papéis importantes, deixando-os em ordem de preferência.

Abriu algumas mensagens eletrônicas, principalmente advindas de sua família e as do hospital. Nada de novo. Abriu o editor de texto e começou a escrever. Primeiramente a respeito de cada pasta, o que continha cada uma delas, e descreveu também os documentos mais importantes para sua esposa e filhos. Já tinha organizado todas as documentações desde que tomara conhecimento de seu grave estado de saúde.

Todo esse trabalho o havia levado a um nível alto de exaustão e cansaço. Decidiu escrever uma carta de despedida para as pessoas que ele mais amava, sua esposa, filhos e sua mãe; com o editor de texto já na página em branco, pronto para começar sua narrativa pessoal, ouviu barulhos na cozinha. Levantou-se e pegou o celular, surpreso de que o tempo havia corrido, e ele pensava terem sido apenas alguns minutos, já transcorrerá mais de duas horas, o relógio do celular já apontava para as 15:30hs. Suspirou profundamente e pensou com seus botões: “O tempo é implacável para quem quer mais tempo”.

Chegou à cozinha e lá estava Dalva, havia terminado de arrumar a mesa. Ela olhou para ele com um ar de cumplicidade, como se soubesse o que ele estava passando e sentindo, e disse: “Seu George, o seu chá da tarde!”. Sobre a mesa

estavam frutas, biscoitos (feitos pela Dalva), bules de água quente, três caixas de chá e um bule com um chá já preparado por Dalva, que ela fez com as plantas medicinais que faziam parte da horta orgânica, além de um lindo bolo de fubá, queijo branco, pães caseiros, que haviam acabado de sair do forno. Enfim, uma variedade de alimentos a seu dispor. Ao sentar-se, buscou em sua mente quando em sua vida adulta tinha tirado um tempo só para si e para desfrutar daquela mesa farta de alimentos frescos e apetitosos. Agradeceu à Dalva por aquele mimo adicional, que sequer havia pedido. Adorava o casal e seus filhos.

Terminou de comer, o que fez com calma e como se possuísse todo o tempo do mundo somente para o seu deleite. Voltou para o escritório, a fim de começar a carta mais difícil que iria escrever. A tela do computador estava escura, bastou um clique para se abrir novamente, jogando luz ao ambiente. Ficou paralisado por mais de dez minutos e as palavras se recusavam a vir, e, por mais que tentasse, estas vinham em um emaranhado confuso, impedindo-o de expor tudo o que estava sentindo naquele exato momento. Irritou-se consigo mesmo.

Deixou o escritório a passos largos e foi ao fundo da casa, saindo para o quintal, para respirar um pouco de ar. Alguns minutos foram o suficiente e enfim uma ideia lhe surgiu a mente, já que não estava conseguindo escrever, resolveu gravar um vídeo; sim, era isto que faria. Voltou para o escritório, pegou o tripé, acertou a luminosidade, colocou o aparelho de celular no equipamento, e se preparou para gravar o vídeo. Pensou que seria mais fácil do que escrever, mas constatou de imediato que também não seria fácil. Mas tinha que fazê-lo!

George começou a gravar o vídeo e foi falando: “Boa tarde, minha família amada! Quero dizer que estou me sentindo bem e bastante tranquilo; porém, quero, em primeiro lugar, pedir perdão a você, minha amada esposa e companheira de todas as horas. Sei que por muito tempo negligenciei em estar presente contigo nos momentos em que mais precisava de minha presença, principalmente na árdua tarefa de cuidar de nossos filhos. Também quero pedir perdão a você, meu filho querido, e a você, minha filha, pelo fato de que em muitos momentos de vossas vidas não me fiz presente. A você, minha mãe, peço-lhe que me perdoe por tê-la feito passar por momentos

aflictivos, quando de minha adolescência e depois de adulto, ter negligência com minha ausência prolongada, somente conversando via telefone. Poderia querer justificar minha ausência para vocês, jogando a culpa no meu trabalho, mas não seria justo, mesmo que a minha obsessão pelo trabalho fosse para o bem-estar de todos, com o desejo de dar um melhor padrão de vida para todos nós. Mas aí fui extremamente negligente para com vocês.

Errei e peço-lhes perdão! Sei que você, minha esposa, não concorda muito com meus princípios de racionalidade e de lógicas; mas a vocês, meus filhos, saibam que a vida continua, assim como a vida de meus antepassados continuou em mim, a minha vida continuará em vocês por meio do meu DNA, e assim sucessivamente!”.

Ele falou por mais de 15 minutos. Despejou tudo o que sempre teve vontade de falar naquele momento. E terminou dizendo: “Amo muito todos vocês, sejam felizes!”.

Antes de sair do escritório, George desbloqueou o aparelho celular e deixou escrito que no celular estava um vídeo. A mensagem era para sua família.

Chegou até a cozinha, já passava das cinco horas da tarde, sentiu frio, pois a temperatura no período da tarde caíra bastante, visualizou no celular e a temperatura marcava 13º graus com sensação térmica de 12º graus, face ao vento gelado que começará no final da tarde. Sentiu vontade de comer. Abriu a geladeira e lá estava um lindo queijo branco, do qual cortou duas grossas e suculentas fatias. Abriu o armário, dele retirou uma goiabada, cortou uma fatia razoável, colocou-a no meio das partes do queijo e deu uma mordida e mastigou lentamente. Enquanto fazia isso, lembrou-se que o nome atribuído àquele doce era Romeu e Julieta, o que fez recordar do grande escritor Willian Shakespeare, que escreveu uma peça tragédia mundialmente conhecida como Romeu e Julieta. Olhou para a guloseima e pensou com seus botões: “Este doce deve ter recebido este nome porque o queijo representa uma parte, sendo o Romeu, a outra parte Julieta, a goiabada, vermelha como o sangue derramado pelos dois jovens enamorados; até que faz sentido”. Voltou a comer e se deliciar com cada mordida. Ao terminar, retornou ao seu quarto em busca de blusa e do agasalho. Resolveu dar uma volta pela

propriedade, saiu colocando o capuz para se aquecer melhor e se furtar ao vento frio e úmido.

O passeio de George durou não mais do que 30 minutos, o frio e a intensidade do vento haviam aumentado. Entrou na sala, devidamente aquecida, se sentou no confortável sofá e ligou a televisão, buscando por alguma coisa que lhe revelasse interesse. Neste mesmo instante, o telefone tocou, e, ao olhar a tela, viu que a chamada era do hospital, atendeu no segundo toque, com o coração aos pulos, o que não lhe era salutar. Era seu médico, em primeiro lugar perguntou se estava bem, e em seguida lhe disse que suportasse um pouco mais, pois, tinha lhe sido noticiado que um possível coração compatível fora encontrado, ele devia permanecer firme, com fé e esperança, que tinha tudo para dar certo. E que avisaria o piloto do helicóptero para ficar pronto até a última ordem. George agradeceu e desligou o telefone.

“É, pensou George, como era difícil conseguir órgãos humanos para o transplante, são raríssimos os doadores.

Ele mesmo só tinha percebido a importância da doação de órgãos humanos quando entrou na fila de espera; até aquele momento sequer havia cogitado ser um doador de órgão; mas após tomar conhecimento de que necessitaria de um órgão – um coração – é que se deu conta de sua insignificância como ser humano e se recordou em ter comentado com seu médico se ele poderia se tornar um doador de órgãos, e a resposta foi positiva. Foi assim que ele se tornou um doador de órgãos e, para surpresa maior, a família também se tornou. Nada mais justo, afinal, sempre ventilara aos quatros ventos que desejava após sua morte ser cremado; e, ao final, somente os ossos é que produziriam as cinzas que seriam colocadas em uma urna funerária e entregue à família.

Na sua busca na televisão encontrou um desenho de que gostava muito – Scooby-Doo, havia acabado de começar. Pela primeira vez neste dia deu uma gargalhada gostosa e contagiante. Olhou no relógio e verificou que faltavam dez minutos para as seis horas da tarde. Aconchegou-se mais no sofá, com o telefone celular na mão, inclusive havia acionado o botão pânico, deixando-

o na tela para uma eventualidade qualquer. Antes de iniciar outro desenho do Scooby-Doo, se ajeitou no sofá e colocou para apoio de cabeça uma almofada. Às seis horas da tarde, George já estava cochilando e alguns minutos depois entrava em um sono, que poderia ser eterno. Estava se sentindo tranquilo, relaxado e em paz consigo mesmo. Por volta das seis horas e oito minutos daquela tarde de agosto, George deu um longo suspiro e se foi...

Seu coração havia parado de funcionar. A vida se extinguirá de forma tranquila, sem mais sofrimentos. Seu rosto demonstrava serenidade, tranquilidade e até parecia estar sorrindo. Assim, se foi George!

O telefone celular começou a tocar exatamente vinte minutos depois da partida de George. Era uma ligação do hospital. O celular tocou novamente e novamente. O silêncio somente fora quebrado com o toque alto e insistente do celular.

Cinco minutos após, entrou o casal José e Dalva, a esposa do George os havia avisado e lhes pediu que fossem ver seu marido. Ambos, ao verem George sentado confortavelmente no sofá, se aproximaram e somente aí é que perceberam que George não estava mais respirando, retornaram imediatamente a ligação para a esposa dele e contaram o que estava ocorrendo. Neste mesmo instante, já foi contatada a equipe médica e o helicóptero que já se encontrava à disposição no heliporto do hospital. Uma correria e em menos de 15 minutos o helicóptero estava pousando no heliporto da propriedade de George, quebrando todo o silêncio da mata e da região. Desceram o médico, a esposa e enfermeiros, já levando a maca.

Adentram na casa e o médico se aproximou do corpo imóvel de George, seguiu os protocolos médicos de rotina e constatou o falecimento do paciente.

A tristeza imediatamente, de forma fulminante, atingiu as pessoas mais presentes na vida de George.

Enfim, acabava ali o sofrimento de George e começava o de sua família, que, a partir daquele momento, passaria pela dureza e crueldade do luto!

Afinal, aos sobreviventes, resta sobreviver.

Setembro/2.022

Revisora: Mariana Clark Peres Rabello.